

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Boleia de São Paulo Class.: Semana do Índio

Data: 19 de abril de 1984 Pg.: 101

# O índio, um brasileiro desconhecido

Com mais problemas do que soluções, o índio comemora seu dia, ganha o noticiário e muda um velho preconceito

LÍGIA SANCHES

Do nossa equipe de reportagem

Comemora-se hoje mais um Dia do Índio. Mas há dezessete dias, todos pudemos acompanhar — pelos jornais, rádios e emissoras de televisão — a decisão de 370 representantes de tribos indígenas (reunidos em Brasília, no 2º Encontro de Líderes Indígenas) de pedir o afastamento do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, entendendo que sua atuação não correspondia aos anseios de seu povo. Quase ao mesmo tempo, os Txucarramãe tornaram-se notícia diária, envolvidos num impasse com o governo, ao exigirem uma faixa de terra ao longo do rio Xingú. Devidamente paramentados, como manda a tradição nesses momentos de combate, eles entraram para o noticiário das tevês, certamente atraindo amplo interesse.

A presença do índio nos meios de comunicação não é uma novidade, embora o surgimento público e a trajetória do cacique xavante Mário Juruna, eleito deputado federal pelo PDT fluminense, estabeleça quase um marco entre uma fase em que as questões relativas a essa população de 200 mil pessoas eram colocadas pelos órgãos oficiais ou por entidades dedicadas à sua causa, e outra, a de utilização de uma espécie de caminho pacientemente aberto.

Mudou o índio ou mudou o País? Talvez um pouco de cada lado. Para o jurista Dalmo de Abreu Dallari, membro da Comissão de Justiça e Paz, o trabalho dos grupos ligados à Igreja, dos antropólogos e sertanistas foi importante, além, é claro, de Juruna, "que primeiro foi encarado de maneira pitoresca para depois, com uma atuação inteligente e de resultados práticos, marcar outra presença. O povo finalmente está começando a conhecer o índio, anteriormente apresentado de maneira falseada, ou baseada em imi-

tações norte-americanas ou deformada pelo interesse dos dominantes."

Do Acre, o antropólogo Terri Valle de Aquino dá um depoimento interessante ao revelar que em sua região, até meados da década de 70, o índio absolutamente não aparecia na imprensa. "Seu surgimento no noticiário coincidiu com o início da venda de grandes áreas de terra para grupos ligados à agropecuária. Foi só aí as elites locais trataram de falar do assunto, enquanto os índios 'surgiam', tomando consciência de seus direitos. E veja, só em 83

eles foram notícia 200 vezes, um recorde surpreendente."

Carmem Junqueira, envolvida com a questão indígena há quase vinte anos, analisa essa nova realidade sob outros aspectos. Alia o surgimento da Anai (Associação das Nações Indígenas), na segunda metade da década de 70, mais a atuação do Cimi (Conselho Missionário Indigenista), na gestão de dom Thomaz Balduino, que iniciou o processo de estímulo aos encontros e assembleias dos grupos, a essa nova fase. "Daquela época para cá, e através das

organizações de apoio, houve a oportunidade do índio começar a se mostrar como é, com sua capacidade intelectual, sua disposição de defender seus direitos e sua comunidade. Quando a população pôde ver o índio, passou a mudar sua imagem, concretizá-la, percebendo que suas questões eram incorporadas às questões da comunidade em geral. Não é sem motivo que o próprio Juruna sempre defendeu as minorias, os pobres."

A antropóloga não esquece o perigo de os índios terem sua imagem desgastada "essa é uma das armadilhas do sistema" — mas pensa que haverá clareza suficiente para que isso seja evitado. A vice-presidente da Comissão Pró-Índio, Lux Vidal, entretanto, vê a imagem do índio ser desgastada hoje, especialmente na televisão, quando "aparece de borduna, pronto para a guerra. Creio que o acompanhamento sobre suas questões e seus costumes deveria ser mais amplo, mais fluente, e não marcado pelos momentos de explosão." Exemplificando, toma os mesmos Txucarramães, que brigam pela manutenção de suas terras há vários anos e só têm divulgação agora.

Talvez seja mais importante, como disse Carlos Alberto Ricardo, do Cedi (Comissão de Levantamento das Populações Indígenas), perceber que foi a própria deterioração da política oficial que deu respaldo a essa nova postura. "Veja, a trajetória de Juruna é um pouco isso. A liderança que sai e vai reclamar, ampliando o raio de ação e virando figura nacional. Quando a Funai está interessada em refrear a ida deles à Brasília, há este deputado, há uma nova disposição de participar diretamente dos problemas que os envolvem. Creio que a conquista desse espaço, que hoje inclusive cria fatos políticos, começou realmente na década de 70, com a campanha contra a falsa emancipação dos índios, que atraiu setores da sociedade em geral."



Na hora do perigo, não tem erro: chega a cavalaria e Rintintin

## Índio quer apito, sim

Zorro e Tonto cavalgam Silver e Escoteiro pela pradaria, sob o céu estrelado do Oeste americano. De repente, surge no horizonte aquele mar de índios, todos com pintura de guerra e cada qual com um tacape maior do que o outro. Nossos heróis não têm saída. "Estamos fritos, Tonto", diz Zorro. "Nós quem, cara-pálida?", observa Tonto. Naturalmente, essa cena nunca aconteceu na saga do Lone Ranger dos quadrinhos, mas, se tivesse acontecido, aquele é que teria sido o dia do índio.

Em matéria de índios, os brasileiros são expertos. Desde que se trate dos índios americanos, claro. Sabemos tudo sobre Flecha Ligeira, Touro Sentado, Gerônimo, Hiawatha, Pequeno Castor, Taza e Cochise — e que, quando eles morreram, foram para os "verdes campos de caça", ao encontro de Manitú. Sabemos que eles tinham a pele vermelha, viviam em tendas, usavam flechas incendiárias e, de vez em quando, depois de olular ao redor da fogueira, saíam em pé de guerra contra carroções cheios de senhoras de touca e velhos suspensórios. Mas não adiantava: quando não eram dizimados pela cavalaria, acabavam sistematicamente enrolados pelo homem branco durante o cachimbo-da-paz. Numa dessas, até venderam Manhattan por 24 dólares, achando que faziam bom negócio.

Em compensação, nossos próprios índios ainda não entraram na nossa própria História. Na escola, ouvimos falar vagamente que alguns deles comeram um bispo chamado Sardinha, logo depois do descobrimento. Aprendemos também que eles eram preguiçosos, andavam pelados e comiam mandioca. Quando algum professor insinuava que foram eles os inventores do guaraná, você devia achar difícil acreditar —

ué, não foi a Brahma? Pelo menos para os garotos da minha rua, índio era um sujeito que saía na tampa da lata de biscoitos Aymoré.

Pouco se fala de como Araribóia comandou os cariocas na expulsão dos franceses no Rio de Janeiro, no século 18. Ou de como Cunhambebe, cacique dos tupinambás que aprisionou o historiador alemão Hans Staden na Ubatuba de hoje, foi o inventor daquela genial frase: "Lá vem nossa comida pulando na praia". Ou de como, há apenas 30 anos, a índia Diacuí ajudou a vender "O Cruzeiro" como água, com as reportagens que contava semanalmente sobre o seu romance e casamento com o antropólogo Aires da Cunha, de como ela se adaptava à "civilização" (tinha aprendido até a costurar!), até finalmente morrer de parto, frustrando centenas de milhares de leitores. E nem morta foi capa da revista.

O cinema brasileiro, surpreendentemente, tem se ocupado mais do índio brasileiro. Nelson Pereira dos Santos fez "Como Era Gostoso o meu Francês", Oswaldo Caldeira fez "Ajuricaba", Gustavo Dahl fez "Uirá" e, agora, Ivan Kudrma está filmando "Diacuí, A Viagem de Volta", a história da própria. Já na poesia e na literatura, raramente é dia de índio: depois dos índios com sotaque português e diploma em Coimbra cantados por Gonçalves Dias e José de Alencar, praticamente só tivemos "Maíra", de Darcy Ribeiro. Na música popular recente, só Jorge Ben se lembrou deles. Juruna, vê isso aí.

Índio quer apito, sim, para buzinar no ouvido de branco que — lembrando o poema de Oswald de Andrade — antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil já tinha descoberto a felicidade.

(R.C.)

## Para os outros brasileiros, debates e exposições

É provável que hoje, Dia do Índio, as aldeias não estejam em festa. Além de não precisarem comemorar seu próprio dia, ocupam-se, como sempre, de assuntos mais sérios para sua vida, como a definição de seu território. Mas os outros brasileiros, estes sim, têm, entre hoje e maio, oportunidade de conhecer um pouco mais sobre eles.

A programação da cidade não é extensa, mas abrangente. As 22 horas a TV Cultura exibe um debate cujos temas centrais são justamente a questão da terra e a emancipação. Participam Alton Krenak, da tribo Kaingang e da Comissão Pró-Índio; o jurista Dalmo Dallari, as antropólogas Sílvia Caiubi e Carmem Junqueira; a assessora jurídi-

ca da Comissão, Eunice Paiva, e o geólogo Gerônimo Albuquerque. Também hoje (e até 5 de maio), é possível ver as fotografias de Carlos Alberto Tanaka no Centro Cultural São Paulo. Elaborada a partir de 81, a mostra "O Índio de São Paulo" reúne registros da vida, costumes e problemas de grupos instalados em quatro postos do Interior de São Paulo: Icatu (índios Terena e Kaingang); Araribá (Terena e Guaraní); Vanuiribe (Terena e Kaingang); e Peruíbe (Guaraní).

No mesmo local, e até 27 deste mês, pode-se ver o filme "Povo da Lua, Povo do Sangue", dirigido por Marcelo Tassara, com roteiro dele e da fotógrafa Cláudia Andujar, que acompanhou os

Yanomami por mais de uma década. No Masp, a Funai abre hoje "Arte Karajá", mostra de arte plumária, cestaria, instrumentos musicais, bonecos e armas desse grupo que vive agora na margem esquerda do rio Araguaia, contrariando sua tradição nômade, encurralado pelas fazendas de gado da Ilha do Bananal. Uma outra mostra estava instalada na Estação Júlio Prestes, e é iniciativa da Fepasa integrando o projeto Cultura na Cidade, da Secretaria Municipal de Cultura. Até os acontecimentos de ontem, em que houve distúrbios na estação, essa mostra estava aberta aos passageiros dos trens, estudantes e comunidade da região, e envolvia 27 peças — entre buzinas, chocalhos, apitos, ocarinas — mais

gravuras, textos e áudio com sons musicais de tribos.

A Semana do Índio, que culmina hoje, marca, por outro lado, o lançamento (pela Yankatu, em co-edição da Comissão Pró-Índio), do livro "Índios no Estado de São Paulo: Resistência e Transfiguração", contando a trajetória histórica dos índios em São Paulo, através de textos de vários autores: Sílvia Helena Simões Borelli, Mara L. Manzoni Luz, John Monteiro, Lúcia Helena Rangel, Maria Inês Ladeira e Marco Antônio Barbosa. Este livro, na verdade, é o texto de acompanhamento de um audiovisual sobre o assunto, que os interessados podem obter pelo telefone 864.11.80.